

IDEOLOGIA E TERROR: UMA NOVA FORMA DE GOVERNO¹

*Maria Socorro Ramos Militão**

A propaganda do movimento totalitário serve também para libertar o pensamento da experiência e da realidade; procura sempre injetar um significado secreto em cada evento público tangível e farejar intenções secretas atrás de cada ato político público. Quando chegam ao poder, os movimentos passam a alterar a realidade segundo as suas afirmações ideológicas. O conceito de inimizade é substituído pelo conceito de conspiração, e isso produz uma mentalidade na qual já não se experimenta e se compreende a realidade em seus próprios termos - a verdadeira amizade - mas automaticamente se presume que ela significa outra coisa.

Hannah Arendt

Este trabalho tem por objetivo analisar a questão da Ideologia e terror segundo a visão da teórica política Hannah Arendt. Nosso ponto de partida é a sua obra *Origens do Totalitarismo*, com ênfase ao texto "*Ideologia e terror: uma nova forma de governo*" que constitui o 4º capítulo da Parte III - Totalitarismo, da obra arendtiana. Esta obra foi produzida por Hannah Arendt entre os anos de 1945 a 1949, tendo sido editada pela primeira vez em 1951, pouco tempo depois do fim da 2ª Guerra Mundial. *Origens do Totalitarismo* é composta por três partes: a *primeira* analisa o anti-semitismo; a *segunda* o imperialismo e a *terceira*; o totalitarismo. O texto a que nos propomos analisar foi escrito em 1953 e incluído na segunda edição de *As Origens do Totalitarismo* como seu capítulo conclusivo, em 1958. Arendt define a ideologia como a "lógica de uma idéia", tendo como parâmetro as ideologias nazista e estalinista.

O crescente envolvimento de Arendt com o sionismo² acabaria por colidir com o anti-semitismo emergente no terceiro Reich, situação que a levaria inevitavelmente à prisão. Conseguiria escapar para a França, onde trabalharia por algum tempo com crianças judias expatriadas. Presa por diversas vezes juntamente com o marido — o operário e "crítico marxista" Heinrich Blücher — vê-se obrigada a partir, em 1941, para os Estados Unidos da América. Lá trabalharia, durante anos, em 1967 trocava esta pela New School of New York, instituição em que se manteria até à morte, ocorrida em 1975.

No pós-guerra, Hannah sondava "as origens do totalitarismo" e suas nefastas repercussões sobre a história ocidental. E analisava como superar a triste experiência da massificação de indivíduos atomizados e desorientados, presa fácil de políticos alucinados. Para ela, a separação da esfera privada da pública valoriza os recursos do sujeito e resgata o espaço público como transparência dos indivíduos e esplendor da política, à semelhança do modelo político greco-romano.

A teórica política reitera nesse texto que, os domínios totalitários diferenciam-se de todas as outras formas de expressão política até então conhecidas. O totalitarismo ao galgar o poder criou instituições novas, destruindo todas as tradições sociais, legais e políticas do país. Segundo ela,

¹ ARENDT, Hannah. Ideologia e terror: uma nova forma de governo. In. ____ *Origens do totalitarismo*. São Paulo: Cia das letras, 2000. Ps. 512 a 531.

² Movimento político e religioso judaico iniciado no século XIX, que visava ao restabelecimento na Palestina, de um estado judaico, e que se tornou vitorioso em maio de 1948, quando foi proclamado o Estado de Israel.

"Os governos totalitários do nosso tempo evoluíram a partir de sistemas unipartidários; sempre que estes se tornaram realmente totalitários, passavam a operar segundo um sistema de valores tão radicalmente diferentes de todos os outros que nenhuma das nossas tradicionais categorias utilitárias - legais, morais, lógicas ou de bom senso - podia mais nos ajudar a aceitar, julgar ou prever o seu curso de ação".³

Arendt tenta então, definir a essência do totalitarismo, diferenciá-lo da ditadura, do imperialismo, da tirania, fazer dele um tipo de regime. Trata-se de verificar o uso em si do termo e todo o processo que vê no nazismo e no stalinismo a emergência de novidades que têm uma estrutura análoga. Mas visa principalmente, emancipar, através da tipologia e da apreensão de sua essência, o totalitarismo das ocorrências históricas distintas através das quais se originou. Arendt mostra-nos que o nazismo e o stalinismo, ou seja, o totalitarismo pretende ser uma resposta aos conflitos tradicionais da política, e mais precisamente das leis positivas, e uma resposta efetiva à experiência fundamental que provocou a sua emergência.

Hannah analisa o que permite introduzir um princípio de mudança e de história, na estrutura do governo. Já que, efetivamente, na tradição grega, por exemplo, a única mudança concebível da forma de governo é uma corrupção ou uma degradação. Em a *República* de Platão existe uma congruência entre esse tipo de homem e de governo, mas a transformação é a decadência. Para a teórica, a mudança de regime se faz quando há uma distorção entre o governo e os que detém o poder. Tradicionalmente e contrariamente à análise de Rousseau, a legislação não é a própria ação política, mas o seu requisito.

Segundo Arendt é no isolamento que se enraízam o princípio e a natureza da tirania, neste governo sem lei, de um único, cujo princípio é o medo. O medo está ligado, portanto, à angústia que se sente no isolamento, ou seja, o contrário da igualdade. O medo é o desespero de todos as pessoas que, por qualquer motivo, se recusaram a agir em conformidade com aquilo que acreditam. O medo como princípio de ação é, portanto, antipolítico, uma contradição dos termos. O isolamento e o medo são desejos de potência ou de dominação, pois que o poder, na sua acepção verdadeira, não pode ser possuído por um indivíduo.

Para Hannah, a natureza e princípio do governo totalitário são a ideologia e o terror, e a experiência fundamental na qual se enraízam é a desolação ou desamparo. O totalitarismo pretende então resolver as questões entre legitimidade e legalidade, privada e pública, política legal (interna) e política soberana (externa). A história das idéias define o governo totalitário como uma simples tirania ou ditadura do partido único, porém estabelecê-lo desse modo é desconhecer que o totalitarismo não tem lei, nem sequer arbitrária. Pelo contrário, é um regime que pretende aplicar diretamente as leis da natureza ou da história à espécie humana, e não se basear na vontade arbitrária, sem lei, da tirania. Pretende ir às próprias origens da legitimidade para abolir a lacuna, que sempre existira nos regimes de leis positivas, entre legalidade e legitimidade. Do mesmo modo, o domínio total pretende abolir a diferença entre privado e público. É nesse sentido que a legalidade totalitária recorre às leis da natureza ou da história sem se preocupar com a tradução em normas morais para os indivíduos, mas aplica-se diretamente à espécie.

O totalitarismo destrói a alternativa clássica entre legalidade e tirania, entre lei ou sem lei. E isto só é possível porque a lei mudou de sentido, já não é mais concebida como agente estabilizador das ações humanas integrando os recém-chegados num mundo comum, mas é a lei do movimento, ou seja, lei histórica e processo. Por isso para Arendt, o conceito de processo, a visão da natureza de

³ ARENDT, Hannah. Ideologia e terror: uma nova forma de governo. In. ____ *Origens do totalitarismo*. São Paulo: Cia das letras, 2000. P. 512.

Darwin e a visão da história de Marx são fundamentalmente congruentes. Assim, aparece a idéia de que a modernidade se caracteriza pela recusa de aceitar "aquilo que é", e vislumbra-se com a "surpresa diante do milagre de sê-lo", para considerar qualquer coisa como uma fase ou momento de evolução ulterior. Então para a teórica, o que os movimentos totalitários percebem é que, este movimento é ilimitado, sem fim. Segue-se que: "*o terror é a legalidade, se a lei é a lei do movimento de uma força sobre-humana, a natureza ou a história*".⁴

O terror é, portanto, a essência do regime totalitário. Que se desencadeia no exato momento em que não há adversários ao regime e numa espécie de gratuidade, que priva de sentido a culpabilidade e a inocência - de acordo com a raça parasita ou o inimigo objetivo. A tirania suprime as leis e o espaço político, mas não todo o espaço. O totalitarismo, pelo contrário, destrói qualquer espaço entre os homens, massifica-os, constitui-os como espécie, cria o uno a partir do múltiplo, ou seja, destrói a condição prévia de qualquer liberdade, da faculdade de se mover. Pois o que busca é eliminar radicalmente a possibilidade em si da ação. "*É este estado de coisas, que torna impossíveis a localização da responsabilidade e identificação do inimigo*".⁵ Assim o indivíduo não age sequer por medo ou convicção, pois a culpabilidade e a inocência perderam qualquer sentido, além disso, o regime pretende acabar até mesmo com a possibilidade de se formar convicções. Portanto, deve-se substituir a vontade humana de agir pela necessidade de penetrar a lei do movimento, de preparar cada um para o papel de vítima e de carrasco. O que equivale ao princípio de ação quando a ação erradicada é a ideologia.

A definição de ideologia arendtiana é controversa e não tem qualquer relação com a definição marxista⁶. Para a teórica política, a ideologia é precisamente o que o seu nome indica: "*a lógica de uma idéia*".⁷ A ênfase aqui deve ser colocada no termo 'lógico' pois, o que é mais importante na ideologia é o movimento de dedução. *Movimento* porque se refere a um processo. *Dedução*, porque se trata de um movimento interno, sem confrontação com o exterior, com a factualidade, o acontecimento, a experiência. O que é importante então na ideologia não é a idéia, nem o conteúdo, se é inapta e desprovida de conteúdo espiritual autêntico como o racismo, ou que esteja impregnada daquilo que há de melhor na nossa tradução, como o socialismo. Pois, se as ideologias não são elas próprias totalitárias, contêm elementos que o são, ou seja, a pretensão de explicar tudo, a emancipação da experiência. Assim, só podem contar com a coerência lógica. O movimento do pensamento não nasce da experiência, mas gera-se por si próprio, e o único elemento tirado da realidade é transformado em premissa com valor de axioma. A transformação da ideologia numa arma totalitária consiste em acentuar o cálculo e a dedução.

Desse modo, o poder constrangedor da lógica reside no medo de nos contradizermos, medo de que fique algo por explicar. Então podemos desde já, salientar a congruência do terror e da ideologia. Pois, segundo Hannah se a liberdade como capacidade interior é idêntica à capacidade de

⁴ ARENDT, Hannah. Ideologia e terror: uma nova forma de governo. In. ____ *Origens do totalitarismo*. São Paulo: Cia das letras, 2000. P. 517.

⁵ ARENDT, Hannah. Sobre a violência. Trad. André Duarte. São Paulo: Relume Dumará, 2000, p.33.

⁶ "Apesar da tendência básica que apresenta na direção de um conceito negativo, seus textos não estão isentos de ambigüidades e afirmações pouco claras, que ocasionalmente parecem indicar uma direção diferente". Em um trecho do Prefácio de 1859, Marx se refere à ideologia como sendo a "às formas jurídicas, políticas e filosóficas - em suma, formas ideológicas pelas quais os homens tomam consciência desse conflito e o solucionam pela luta - em apoio de sua concepção da ideologia como a esfera superestrutural que tudo abrange, na qual os homens adquirem consciência de suas relações sociais contraditórias". In Dicionário do Pensamento Marxista. Rio de Janeiro: Zahar, 1988. P. 185.

⁷ ARENDT, Hannah. Ideologia e terror: uma nova forma de governo. In. ____ *Origens do totalitarismo*. São Paulo: Cia das letras, 2000. P. 521.

começar, e se a liberdade política é idêntica a um espaço onde os homens podem se mover, o terror nasce com o medo de que se levante um novo começo com um nascimento, e a mobilização autoconstrigente da lógica tem por origem o medo de que alguém comece a pensar. Assim, o terror arruína todas as relações com a realidade, como salienta a teórica política ao dizer que:

"O terror é necessário para que o nascimento de cada novo ser humano não dê origem a um novo começo que imponha ao mundo a sua voz, também a força autocoerciva da lógica é mobilizada para que ninguém jamais comece a pensar - e o pensamento, como a mais livre e mais pura das atividades humanas, é exatamente o oposto do processo compulsório de dedução. O governo totalitário só se sente seguro na medida em que pode mobilizar a própria força de vontade do homem para forçá-lo a mergulhar naquele gigantesco movimento da História ou da Natureza que supostamente usa a humanidade como material e ignora nascimento ou morte".⁷

A experiência fundamental sobre a qual esse regime inédito se baseia, Hannah chama *loneliness*, podendo ser traduzida por desolação ou desamparo. Trata-se, portanto, do terreno comum do terror e da ideologia, e é a persistência desta experiência, preparada e difundida muito antes da cristalização totalitária, que faz com que o totalitarismo seja um risco sempre presente. Por isso a judia salienta que: *"o que nós chamamos isolamento na esfera política chama-se desolação na esfera dos contatos sociais".⁸*

A solidão difere, portanto do isolamento. Pois, o homem como *homo faber* isola-se no seu trabalho enquanto produz, ou seja, deixa temporariamente o plano da política. Segundo uma distinção de Aristóteles, *a praxis* requer os outros, mas a *poesis* requer o isolamento. Mas o *homo faber*, ainda que isolado permanece em contato com o mundo construindo-o, transformando-o. Efetivamente, o mundo, segundo Arendt, difere da natureza como o artefato construído pelos homens, que lhes fornece um quadro estável e preexiste a cada um de nós, perdurando após a morte. O *animal laborans*, ao contrário, é aquele que não edifica um mundo, mas trabalha, faz parte da natureza, porém, é um mero representante da espécie humana. Assim, o homem isolado que perdeu o seu lugar no domínio político da ação é também excluído do mundo das coisas, se não for reconhecido como *homo faber*, mas tratado como um *animal laborans*, cujo "metabolismo natural" não interessa a ninguém. Nesse sentido, o isolamento torna-se desolação. A desolação, por sua vez, difere ainda da solidão, pois, essa é o requisito do pensamento, mas este afastamento do mundo das aparências e da pluralidade não significa uma ausência de relações com os outros, nem consigo próprio, já que o pensamento solitário é o diálogo da alma com ela própria. Mas, como o isolamento podia tornar-se desolação, a solidão por sua vez também está ameaçada.

Para Arendt, qualquer realidade depende da pluralidade do senso comum. Por senso comum, entende-se o "comum" como sendo uma propriedade produzida, em comum, pela comunidade. A solidão torna-se desolação quando o meu próprio eu me abandona, isto é,

"O que torna a desolação tão intolerável é a perda do eu, que se pode tornar realidade na solidão, só podendo, todavia, ser confirmada na sua identidade pela presença confiante e digna de fé dos meus iguais. Nesta situação (...) o eu e o mundo, a faculdade de pensar e de sentir, perdem-se ao mesmo tempo".

⁷ ARENDT, Hannah. Ideologia e terror: uma nova forma de governo. In. ____ *Origens do totalitarismo*. São Paulo: Cia das letras, 2000. P. 526.

⁸ Idem, P. 529.

É por isso também que ao desamparo, perigo consubstancial da solidão, se revelou ser a doença profissional dos filósofos. Para a teórica, essa é uma das razões que nos faz desconfiar deles em matéria de política ou de filosofia política. Arendt, parece defender uma semelhança que não deixa de ter interesse entre a solidão do tirano e a do filósofo.

A desolação interessa a vida humana no seu todo, já que é nela que a dominação totalitária baseia-se, na experiência de um não pertencer ao mundo, que é uma das experiências mais radicais e desesperadas do homem. Ela está ligada ao desenraizamento e à superfluidade que atingem as massas desde o início da revolução industrial, que se tornaram ainda mais críticos com o progresso do imperialismo, a debanda das instituições políticas e das tradições sociais na nossa época. A desolação vai de encontro às exigências fundamentais da condição humana e, se ela é uma das experiências essenciais de cada vida humana, o problema consiste no fato de esta experiência limite ter se tornado numa experiência de massas.

Terror e ideologia são, portanto, respostas a esta condição, a organização de massas e o terror baseiam no desenraizamento e na superfluidade, assim como a lógica é a única faculdade do espírito humano que não precisa nem do eu, de outrem ou do mundo para funcionar seguramente. O constrangimento íntimo é aquilo que unicamente parece confirmar uma identidade exterior a qualquer relação com outrem. Por isso Arendt lembra-nos do comentário de Lutero sobre a passagem bíblica: *"não é bom que o homem esteja só"*⁸, pois segundo ele, um homem apenas *"deduz sempre uma coisa de uma outra e pensa em tudo na perspectiva do pior."*⁹

É a partir da articulação entre terror e ideologia que o regime totalitário converte a arbitrariedade em manifestação do fundamento de todo o sistema legal. O terror é um meio para subjugar as pessoas pelo medo, mas é principalmente um fim em razão do qual as pessoas são sacrificadas, é a "realização do movimento" que age como o catalisador do movimento histórico ou natural, retirando de seu trajeto aqueles que, de qualquer forma seriam eliminados. O terror é, a essência das formas totalitárias de dominação, cuja instituição máxima são os campos de concentração.

Para Arendt, requer-se o terror para que o mundo se torne um espelho fiel das premissas ideológicas totalitárias, pois essa fidelidade é necessária para o domínio dos homens, a ponto de fazê-los perder a sua espontaneidade e imprevisibilidade tão próprias do pensamento e ação humana. É na solidão oriunda do mundo não totalitário que o regime totalitário encontra a possibilidade de organizar as massas, tendo como justificativa uma fuga dessa realidade. Assim, o totalitarismo prende o homem no "cinturão de ferro" do terror, ou seja, este regime só deixa o homem sozinho na situação extrema da prisão solitária. A solidão é, portanto, a dedução do pior por meio da lógica ideológica, ela representa uma situação anti-social cujo princípio pode destruir toda forma de vida em comum. A solidão organizada, no entanto, é mais perigosa *"que a impotência organizada de todos os que são dominados pela vontade tirânica e arbitrária de um só homem"*.¹⁰

O totalitarismo é um fenômeno absolutamente novo, mas responde a uma experiência que o precede e o institui. Infelizmente, a vitória militar sobre o totalitarismo não resolve a questão política fundamental dos apátridas, sempre mais numerosos, podendo ser demonstrado pela criação do Estado de Israel sobre o modelo do Estado-Nação, e a recriação de uma nova categoria de

⁸ ARENDT, Hannah. Ideologia e terror: uma nova forma de governo. In. ____ *Origens do totalitarismo*. São Paulo: Cia das letras, 2000, p. 530.

⁹ Idem, p. 530.

¹⁰ ARENDT, Hannah. Ideologia e terror: uma nova forma de governo. In. ____ *Origens do totalitarismo*. São Paulo: Cia das letras, 2000. P. 531.

indesejáveis: os palestinos. Assim, este retorno desconhece a queda destes sistemas, derrota que conduziu ou acompanhou a emergência dos homens supérfluos e desolados. A tradição foi rompida, e esta não é uma afirmação que diz respeito apenas à teoria, mas refere-se aos desafios mais atuais e que podem ser recriados, como evidencia Hannah ao dizer que, "*todo fim na história constitui necessariamente um novo começo; esse começo é a promessa, a única 'mensagem' que o fim pode produzir.*"¹¹

REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

ARENDDT, Hannah. **As Origens do Totalitarismo**. Trad. Roberto Raposo. 4ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

DUARTE, André. **O Pensamento à sombra da ruptura. Política e Filosofia no pensamento de Hannah Arendt**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

ARENDDT, Hannah. **Sobre a violência**. Trad. André Duarte. São Paulo: Relume Dumará, 2000.

¹¹ Idem, 531.